

Entrevista com Antonio Rigo

Em 2005, e com o apoio do Cnpq, estivemos na *Universitat de les Illes Balears*, em Palma de Mallorca, Espanha. Nessa Universidade comprometida com a cultura, a língua e a identidade da região, ficamos sabendo que no centro da cidade se reunia um grupo de escritores capitaneados por um jovem poeta: Antonio Rigo. Era uma iniciativa para levar a poesia às ruas. Fomos até lá e trocamos umas palavras com este verdadeiro agitador cultural. Um resumo do que falamos, vem a seguir. Depois, o simpático e afável Antonio escolheu alguns autores e poemas para que pudéssemos publicá-los por aqui. Selecionados e devidamente autorizados, seguem nas páginas deste *Cadernos de Tradução*. Esperamos que gostem.

Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Antonio, qual é a sua formação?

R: Sou absolutamente autodidata. E, além disto, acredito com sinceridade que a poesia não se ensina, é algo que se vai adquirindo, não há escolas para estudar poesia. Para mim, ser poeta é um título, algo muito importante, mas que se concede facilmente demais hoje em dia. Acho que na poesia há diferenças: existe uma poesia que considero autêntica, e há outra de gente que escreve poesia, faz versos, mas que para mim – sem intenção de menosprezar nem nada – são simplesmente escritores que também empregam o verso. Penso que uma coisa é ser poeta, outra é ser escritor; e digo isto com todo o respeito do mundo. Eu sou incapaz de escrever um romance, me parece algo difícilíssimo. No entanto, posso escrever versos. Bom, quanto às minhas leituras, o livro que mais me impressionou na vida é *Daniel Salbanca* de Robert Graves. Ele viveu aqui em Mallorca quase setenta anos, na região de Déia, e eu conheci toda a família. Sua filha traduziu meu livro *Poemas del Polígono Industrial* para o inglês, e escreveu os prólogos para esse e para *La Segunda Posición*. Mas então, eu decidi ser poeta quando descobri este mundo mágico da poesia, de verdade poética.

Este descobrimento da poesia, como você disse, foi através da leitura do trabalho de Robert Graves?

R: Sim, dele. Eu intuía algo, sabia que havia alguma coisa e dirigi meus passos até aí. Então, curiosamente me trataram verdadeiramente como poeta, ou seja, respeitando muito o que estava fazendo, coisa que não acontecia aqui em Palma de Mallorca. Afinal, você sabe que em geral se imagina que, se você está no mundo da poesia, ou não quer trabalhar ou é um boêmio. É uma cidade pequena, é uma ilha, há muitos preconceitos.

Você é natural de Palma de Mallorca?

R: Sou maiorquino de nascimento, mas minha mãe é da península, é extremenha, e ela é a minha grande influência na vida. A mistura é estranha porque meu pai é maiorquino, mas não um maiorquino típico, e minha mãe era dançarina de flamenco. Então, para mim, o *voç* de minha mãe, as mãos, são coisas que sempre estiveram presentes. A coisa dos ritmos, a mente musical me deu muita poesia. E Lorca, claro, minha mãe me deu Lorca, e eu ia resgatando tudo isto.

Você teve algum aprendizado acadêmico? Como é a sua relação com a academia aqui em Mallorca?

R: Não, não tive. Sou absolutamente autodidata, da cabeça aos pés. Talvez eu não seja o mais indicado para falar da academia (risos). Mas me recebem bem. Olha, me disseram que se eu fosse para a península, seria muito melhor, porque aqui ainda é – não sei se por ser uma ilha – um reduto muito fechado, muito difícil de penetrar. Há grandes exceções como Perfecto Cuadrado, Paco Díaz de Castro, que tentam mobilizar algo. Fiz algumas propostas – como fazer leituras na Universidade, para que os jovens que estão estudando possam ver que é possível se aproximar da poesia com humor, que é possível se aproximar da poesia sem medo, que os poetas estão vivos, não estão num depósito cheio de pó, que a poesia é uma coisa viva –, mas não houve possibilidade de realizar isto. Não sei muito bem por quê. Sou um pouco desterrado neste aspecto, eu trabalhava como mecânico e, de repente, os ingleses começaram a dar importância para um livro meu. A coisa cultural daqui me olhava, “e agora? E este, o que vem nos dizer? Nós somos os acadêmicos e ele um mecânico.” Acreditam que você tem de saber escrever de um jeito determinado. Mas por quê? Quem sabe guiar os sentimentos?

E como escreve? Como se define?

R: (rindo) Escrevo me entregando totalmente. Outro dia ouvi uma definição que nunca tinha escutado e me agradou, e são termos que não combinam: “esquisitismo romântico”. Fiquei muito surpreso. É isto, esquisitismo romântico.

Você escreve em castelhano?

R: Sim.

Por que não em maiorquino?

R: Porque para isto eu me traduzo, tenho de me traduzir. Para mim, escrever em maiorquino é o mesmo esforço que escrever em inglês.

Sua língua materna é o castelhano?

R: Sim, é a língua da minha mãe. Falo perfeitamente o catalão ou o maiorquino, mas para escrever não, teria de me traduzir.

Parece que os poetas que escrevem em catalão têm mais aceitação por aqui...

R: Aqui, hoje em dia, sim.

E antes?

R: Antes, talvez não. Hoje, sem dúvida nenhuma. E têm mais facilidades para publicar também. Têm mais subvenções, buscam mais esta coisa de cultura popular, de conservar o idioma, e tudo isto me parece fantástico. Como te disse, eu falo perfeitamente o catalão, mas escrevo em castelhano, e que me perdoem. Enfim, sim, é mais fácil, sobretudo existem mais subvenções e você já sabe que isto é o que os produtores buscam para publicar. Eu inclusive, por um tempo, entrei em batalha contra tudo isto, mas não é coisa que me interesse mais.

Por que em batalha?

R: Justamente por isto, porque escrevíamos em castelhano e eles em catalão, e se seu trabalho não era como o deles, não tinha nenhum valor. Então nós que escrevíamos em castelhano éramos os ruins, os desterrados da ilha. Há grandes poetas aqui que escrevem em castelhano, como Cristóbal Serra, que acho um poeta maravilhoso e passou toda a vida escrevendo em castelhano.

Fale sobre o *Último Jueves*.

R: Montamos as leituras em uma livraria em Palau Real, chamada Totem. Desde o início me veio este nome, *Último Jueves*. Começou pouco a pouco, umas vinte a trinta pessoas, muita gente jovem, fomos parando de vez em quando, e isto já faz doze anos. Em uma leitura desta primeira etapa, veio Cristóbal Serra, isto está gravado, meu companheiro Ramón tem a gravação. Cristóbal fez uma leitura memorável, cativou os jovens de uma maneira incrível, a lucidez dele é extraordinária.

E quem faz parte deste grupo?

R: O diretor sou eu. Salvador, um baixinho de óculos, Salvador Bonet, é um dos que ajudam e colaboram. Luis Ansorena, um grandão, é pintor e também escreve, se afezrou nesta última etapa e faz isto muito bem. A equipe mudou um pouco, mas já faz dois anos que temos a mesma base: Luis Ansorena, meu irmão

Car, Paula, Salvador Bonet e Emili Sanchez. Todos iam com peruca no *Último Jueves*, era um pouco de montagem para rir um pouco, preparar o ambiente para a apresentação do livro.

E sempre apresentam um livro?

R: Nem sempre, mas às vezes sim. Agora está na moda que me tragam livros para apresentar, porque faz muito sucesso.

Como selecionam estes livros? Alguém vem e sugere, ou o quê? Você tem um critério? Qual é?

R: Sim, tenho. Meu critério é a qualidade. Se vejo que o livro é de verdade, ótimo. De mentira eu não quero nada.

Poderia esclarecer isso?

R: Tick dizia que o poema deve atravessar o leitor como uma lança. Se eu pego um livro, abro e me causa impacto, vou estar com esse livro em tudo que possa e vou ajudar esse poeta em tudo que possa. Se abro um livro e não me transmite nada, fecho, deixo de lado, mas não chego a dizer “não gosto”, digo apenas “agora não é o momento”. Este é o meu critério, a comoção. Por outro lado, não sei se existem muito mais critérios que este. Tecnicismos, critérios mais acadêmicos, esses não quero.

Esses livros são apenas de poetas maiorquinos?

R: Não, alguns são de fora, outros são daqui, mas isto nesta fase atual. Porque, como vocês viram outro dia, vem muita gente, algo que não é habitual na leitura de poesia. Cem pessoas indo escutar uma leitura de poesia é uma coisa surpreendente.

Desta seleção, há alguns poetas maiorquinos que você destacaria?

R: Sim, há poetas. Não quero entrar na questão de ser em castelhano ou catalão. Em língua não há diferenças, para mim não há nenhuma diferença. A poesia é abrir uma janela, ou seja, a lua é a mesma para todos. Enfim, há aqui poetas muito bons. Há o Jaime Canadés, um jovem poeta que ganhou um prêmio em Madrid, faz dois anos, e é muito interessante. Eduardo Sordá, que vive em Sevilha, mas é maiorquino, está fazendo poesia muito boa. Destaco também o Sollé, que já está afastado do mundo poético, mas que fez poesia muito boa tanto em catalão quanto em castelhano, há bastante material e tudo publicado. Eu trouxe

uma antologia para que você visse, saiu faz uns anos, praticamente só de poetas que escrevem em castelhano. Ali há uma seleção, alguns que citei agora e outros que não. De qualquer forma, não é uma má seleção, mas você sabe que uma antologia é sempre um risco, sempre fica gente de fora.

E dos seus trabalhos, o que destacaria? Qual é o livro mais representativo?

R: Eu diria *Poemas del Polígono Industrial*, pelo estranho que foi em seu momento. É um livro que tem dez anos, mas que causou muito impacto em nível nacional. É uma edição esgotada, e está traduzida para o inglês.